

PRINCÍPIOS DO TREINAMENTO MISSIONÁRIO

Quero sugerir quatro perguntas gerais para nos nortear:

- *Para que* treinar missionários?
- *Por que* treinar missionários?
- *O que é* treinar missionários? E, finalmente
- *Para quem* é o treinamento missionário.

Para *cada pergunta*, eu procurei *algum princípio bíblico e teológico* que possa nos orientar.

1. Para a *primeira pergunta* - para que treinar missionários? - sugiro o princípio da *glória de Deus*; o princípio da sua transcendência.

Um tempo atrás, fui convidado a falar numa Conferência da Igreja Presbiteriana do Brasil e seus secretários de missões nas igrejas locais. E me deram o título da palestra - "por que a obra missionária deve ter prioridade na igreja?" Na época eu estava lendo um livro do John Piper sobre a glória de Deus em missões. E eu comecei a perceber que a obra missionária *não é* de importância última para a igreja. Lembra da primeira pergunta do Catecismo de Westminster? "Qual é o fim principal do ser humano?" A resposta correta é: "o fim principal do ser humano é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". Um dia, missões acabarão. Mas o culto não, o louvor a Deus não. Um dia, estaremos reunidos com representantes de toda a raça, povo, nação, não fazendo missões mais, mas fazendo o que nós estamos ensaiando hoje à noite a fazer, glorificar a Deus e gozá-lo para sempre. Isto é o nosso *fim principal*.

Isto nos dá uma orientação para a *razão de treinar missionários*. *Primeiro*, nos orienta em termos da evangelização mundial. Nós evangelizamos não principalmente porque o mundo é carente; não principalmente porque existem ainda tantos povos não alcançados; não principalmente porque X, Y e Z ainda não tem uma igreja plantada no seu meio, por mais importante que seja esta motivação. Mas há uma motivação ainda maior: a glória de Deus. Mais especificamente, sua glória é aumentada à medida em que povos, inúmeros povos são aumentados para prestar culto a Deus.

É a diferença entre um coro que canta com todas as vozes em harmonia e um coro que canta uníssono. Deus está preparando um grande coro, com vozes diferentes, mas com um objetivo só - uma harmonia, cantar louvores ao Senhor. O próprio monoteísmo é a base para isso; se ele é o Senhor de todo o universo, isso precisa ser reconhecido assim através da prestação de louvor e de glória por todos os povos da terra. Então, isto serve como nosso combustível para a obra missionária. *Também* nos orienta em termos da *qualidade* do trabalho que nós prestamos. Quem sabe isto tira um pouco a nossa pressa de fazer a coisa rápida. Quem sabe isto nos incentiva a criar, a desenvolver um trabalho de testemunho integral e pastoral onde há verdadeiro louvor e adoração.

O apóstolo Paulo diz que seu objetivo no trabalho missionário, em Romanos 15:18 e 16:26, é de **levar os gentios à obediência**. Jesus nos mandou ensinar todas as coisas que nos foram ordenadas. O alvo missionário é levar os gentios à obediência. É um trabalho de longo prazo. É um investimento de cinquenta anos, cem anos, o que for necessário para chegar a este alvo. Não está na hora de criar um novo lema missionário? Sugiro: "**Movimento Ano 2100**"? Algo assim, que procura trabalhar ao longo prazo, criando igrejas bastante sadias. Em termos da história, isto significa, portanto, uma visão não estreita e imediatista, como se os desafios da igreja fossem apenas atualmente urgentes. Os desafios sempre foram urgentes, ao longo de nossa história. Certo é que nós somos responsáveis pela nossa geração. Entretanto não devemos ser levados por uma escatologia superficial, uma tirania do urgente, uma cegueira histórica. Lembrem do apóstolo Paulo. Se alguém tivesse razão de **apressar o trabalho** - Cristo podia ver a qualquer hora - era o apóstolo Paulo. Ele não trabalhava desta forma, ele investia ficavam parado às vezes anos, por conta de escrever algumas cartas que teriam um impacto muito mais ao longo prazo.

O Dr. Shedd mencionou que Paulo escreveu **cartas missionárias**; é verdade; cartas que eram escritas no contexto da expansão missionária da igreja. Eram ao mesmo tempo, cartas pastorais, cartas em que o apóstolo se preocupava no cuidado do seu rebanho, em corrigir problemas, em encorajá-los na fé, em levá-los à obediência. Vemos que há uma nítida relação entre o trabalho missionário e o trabalho pastoral. Acho que isto é um dos grandes desafios para nós em organizações como a AMTB, a ACMI, a APMB, de integrar nosso trabalho, mais e mais, com o trabalho pastoral, com o trabalho de igreja.

Precisamos de uma **visão larga, profunda e extensa do presente**, porque os desafios são eternamente urgentes. Uma visão escatológica do agora, baseada nos atos de Deus num longínquo passado - lembre que Deus estabeleceu este povo, nós, pelo chamado de **Abraão**. Já faz muito tempo e o seu plano ainda vai se realizar. O futuro é prerrogativa apenas de Deus. Como é fácil esquecer isto. A primeira palavra de Atos 1:8 é "**mas**". E este "mas" é a resposta a uma pergunta sobre escatologia, sobre quando serão estas coisas. Efetivamente Jesus estava dizendo "o futuro não é da sua conta; o que é da sua conta é a sua fidelidade como testemunhas". Não precisa pensar se Ele vem amanhã, se Ele vem daqui a mais 2.000 anos. Seria muita incredulidade pensar que Ele possa vir só daqui a mais 2.000 anos? Jesus diz que **não é da nossa conta**. O que é da nossa conta é nossa incumbência como povo de Deus de sermos bênção para todas as nações, de pregar o Evangelho, e de anunciar o Reino de Deus. Paulo entendeu desta maneira Ele entendeu que com a vinda de Jesus havia uma mudança radical na história. A era dos gentios havia chegado. Portanto, ele gastou muito tempo trabalhando na expansão do Evangelho no mundo gentílico, passo a passo. Lembra dos nossos mapas no final da Bíblia que traçam as viagens missionárias do apóstolo Paulo? São basicamente circulares. Começando em Jerusalém, e dando retorno. Certo é que nos nossos mapas nem sempre começa em Jerusalém. Mas se você for examinar entre uma viagem e outra Paulo sempre se encontra em Jerusalém. Pelo testemunho do apóstolo Paulo (Romanos 15:18-21), ele viajava em círculos cada vez mais abrangentes; abrindo cada vez mais, sistematicamente, devagar, passo a passo. Ele sentia a urgência, sim, mas trabalhava com o amor e o carinho de Cristo, com muita cautela, e com preparo prolongado mesmo diante do tamanho e da urgência do trabalho missionário. Será que valeu a pena - dez anos entre o

chamado e o envio? Foi muito, olhando para trás? Será que este tempo foi bem investido? Certamente foi.

O **fim e o alvo** do preparo e do trabalho missionário é a **glória de Deus**. Para Ele ser glorificado, é preciso que haja louvadores, aqueles que o glorificam e estes, através da expansão e amadurecimento da igreja, que, por sua vez, vão atuando no nosso mundo, transformando-o. Então, vemos o lugar do preparo responsável do missionário, contribuindo para o envio responsável do missionário à salvação das pessoas.

2. A segunda pergunta é: **Por que treinar missionários?** Para nortear a busca duma resposta a esta pergunta, sugiro o princípio da **encarnação de Jesus**, ou da **imanência de Deus**. Para a **primeira** pergunta consideramos a Sua transcendência e a Sua grandeza, que fogem à nossa capacidade de conhecer e nossa capacidade de medir. **Agora** queremos considerar a Sua proximidade, a Sua encarnação. Geralmente, falamos sobre a encarnação para dizer algo a respeito da identificação missionária, mas é uma faca de dois gumes porque ao mesmo tempo, há uma **identificação** cultural e, ao mesmo tempo, a encarnação é uma **denúncia** de valores e de normas nas nossas culturas. Isto é, de certo modo, a característica sacerdotal do nosso preparo missionário que visa a nossa identificação com um determinado povo.

Uma vez alguém me perguntou se **Jesus seria aceito nos nossos seminários como professor**, isto é, se o seu método de treinamento encaixaria dentro das nossas normas pedagógicas. A primeira resposta aparentemente é não. Assustadora, não é? Mas há uma outra maneira de ver esta pergunta. Pois, ao longo de toda a revelação bíblica surge o princípio de respeitar **padrões** culturais, regionais, e históricos para o ensino e a socialização. Isto é o caso de Abraão, Moisés, Davi, os profetas tanto da escola quanto aquelas que não passaram pela escola, os celtas, os monges, moravianos, e assim por diante. **Em cada época, havia padrões de preparo** e de treinamento apropriados para aquela região e aquele tempo.

Então, de certo modo, o problema está com a pergunta: se o modelo de Jesus encaixaria dentro do nosso? Porque o modelo de Jesus é o de se encarnar na situação, no tempo e na região. Isto é um *princípio hermenêutico* muito simples. Frequentemente, nós queremos pegar aplicações dentro do Novo Testamento e transportar estas aplicações para o nosso tempo e nosso lugar, ao invés de procurar saber quais são os princípios por trás destas aplicações. **Atos 1:8** é um bom exemplo. Muitas pessoas pregam Atos 1:8 como um *princípio* de expansão missionária. Mas não é o caso. Era uma *aplicação* muito boa de um princípio que o apóstolo Paulo expõe em **Romanos 15:20** - de pregar “não onde Cristo já fora anunciado”. No primeiro século isto significava pregar cada vez mais longe de Jerusalém. Lá começou o Evangelho, era uma aplicação óbvia; e assim ocorreu. Mas hoje não é o caso. Para nós pregarmos o Evangelho a partir de Jerusalém e até os confins da terra, a gente teria que ir eventualmente para a Melanésia. Só que esta é a região de mais frequência na igreja do que qualquer outra região de tamanho comparado no mundo inteiro.

Então, **procuramos o princípio por trás da aplicação**. E eu sugiro para nossa pergunta - **por que treinar missionários?** - o princípio da **encarnação**. Treinamos missionários para anunciar e encarnar o evangelho dentro das diversas culturas humanas. Exige portanto, **identificação**.

Ao mesmo tempo, esta encarnação de Deus em Cristo Jesus nos traz tremendos **desafios**. O **primeiro** desafio se refere à **necessidade** de humildade. Tanto no processo de treinar missionários como no processo de realizar o trabalho missionário, somos constrangidos de exercer o princípio da **humildade**. Isto é o modelo que Paulo levantou em Filipenses 2, o supremo modelo de Jesus. Mais uma vez, é a glória de Deus é a visão da glória de Deus que nos ajuda a ver o nosso devido tamanho, e portanto, o nosso devido papel e potencial.

3. A **terceira pergunta** que propomos é: **o que é treinar missionários?** E o princípio que sugiro é o princípio da **capacitação do Espírito Santo**, a **inspiração**. Precisamos recuperar (parece estranho dizer) a **natureza espiritual do preparo missionário**. Não digo espiritual no sentido meramente místico, mas espiritual no sentido da **transformação do caráter e da vida** do missionário, do seu ser. De quem ele é? Ele é a estampa de Cristo Jesus, a imagem de Cristo Jesus na sua vida.

Vejam algumas **definições da palavra “treinar”**. O verbete **“capacitar”** significa tornar capaz, ou habilitar, como na sentença: "os longos anos de estudo capacitaram-no para as recentes descobertas". Capacitar é convencer, persuadir, como na frase: "não foi sem dificuldade que o Coruja logrou capacitar a velha de que não devia fugir a semelhante obséquio". O verbete **“treinar”**, por sua vez significa: tornar apto, destro, capaz para determinada tarefa ou atividade, habilitar, e adestrar. O verbete **“habilitar”** significa: tornar hábil, como na sentença: "era incapaz, mas a experiência habilitou-o". Significa também preparar ou dispor, como na sentença: "sua condição de eremita habilitou-o à dura vida de privações"; "sua ambição o habilitou para a luta". O verbete **“preparar”** significa: dispor com antecedência, aprontar, arranjar, prevenir como na sentença: "o chefe do cerimonial preparou a recepção" ou "a cozinheira preparou o almoço". Também significa planejar com antecedência, premeditar, e pôr em condições de atingir um objetivo.

O **espírito da preparação, do planejamento** se exemplifica na vida do apóstolo Paulo. Num dado momento ele tentava ir para a Ásia, duas vezes, mas o Espírito Santo o impedia. Foi assim que recebeu a visão da Macedônia e plantou logo em seguida aquela famosa igreja, cheia de alegria, do coração do apóstolo Paulo, a igreja de Filipos. Entretanto, nada em Atos 16 indica que Paulo estava fora da vontade de Deus por ter planejado e tentado ir para outro lugar. A impressão que temos é que, pelo contrário, ele estava tentando, e nesta tentativa sua, Deus era capaz de dirigi-lo, e de redirecioná-lo.

Quero sugerir **alguns princípios baseados nos meus anos de ensino** em Viçosa e também em outras escolas.

Primeiro, quanto ao treinamento acadêmico ou **teórico versus** o treinamento **prático**. As palavras “acadêmico” e “teórico” são surpreendentemente ainda mau vistas no nosso meio. Há bastante mau entendimento a seu respeito. Pensa-se que se quiser falar alguma coisa boa sobre o treinamento missionário, basta falar que precisamos ser práticos e úteis, e parece que resolveu o problema. Não é bem assim. Simplesmente não existe nem teoria sem prática,

quanto menos prática sem teoria. O que pode existir é teoria que não elabore as consequências práticas, o que não é bom. E pode existir prática que esconde a sua base teórica. Mas não existe teoria sem prática, nem prática sem teoria. O que falta frequentemente no preparo missionário é a **explicitação da relação entre a teoria e a prática**, através, por exemplo, de **estudos de caso**. Isto sim, às vezes damos teoria sem explicitar qual é a relação disto com a prática. Mas o problema não é de estar dando teoria. Isto é uma distinção importante. **Quanto mais aplicações um determinado assunto gera, mais embasamento teórico é necessário**. Eu vou repetir: quanto mais as aplicações de um determinado assunto, mais embasamento teórico é necessário. Quanto menos aplicações, menos precisa de embasamento teórico. Por exemplo, os nossos *cursos técnicos* são geralmente altamente práticos com pouca teoria, porque as aplicações pressupõem parâmetros limitados de procedimentos, de recursos e de técnicas industriais. Portanto, não precisa de tanta teoria, porque as aplicações são limitadas. Por outro lado, o *preparo missionário* necessita de **um alto grau de embasamento teórico devido às múltiplas variações de aplicações**, não só a **diversas culturas**, como também dentro de **diversos ministérios e estilos de ministérios** por organizações de envio. Então, embasamento teórico é altamente importante. Se está faltando alguma coisa - e acredito que está mesmo - falta explicitar qual é a relação desta teoria com possíveis aplicações.

Segundo, quanto à relatividade do **treinamento formal**. Ao repararmos que há diversos modelos de preparo que surgem ao longo da história bíblica, reconhecemos que o nosso modelo também é relativo. A **escola**, o fenômeno "a escola" é relativo. Há outros meios, e é bom que dentro da escola, dentro da educação ocidental haja uma busca constante por outros modelos. Então, não devemos exagerar de modo algum dizendo que a solução é a escola, ou novos currículos, ou o acréscimo de mais uma matéria - coitados dos alunos! Estas são perspectivas da nossa cultura, do nosso tempo, mesmo com uma abrangência muito larga, mas que são apropriadas para nós, entretanto não absolutas.

Ao mesmo tempo, isto mostra a **necessidade do treinamento formal**. E quanto a isso, eu queria sugerir **alguns princípios**, **quatro princípios** para dar orientação ao treinamento formal.

O **primeiro** é o princípio da **especialização e da cooperação**. É justo, por um lado, que esperamos que haja formação espiritual dos alunos através a igreja local. Ao mesmo tempo, precisa haver uma **manutenção desta formação espiritual ao longo do tempo** em que uma escola ou um centro ou uma agência missionária está treinando aquela pessoa.

O **segundo** é o **princípio do treinamento vitalício**. Precisamos ver o preparo missionário não como um período de um ou dois anos antes de ir para o campo missionário. Precisamos ver o preparo como um compromisso da vida toda e tentar entender quais as implicações disto em termos da cobertura que agências e centros de preparo podem dar. Precisa haver mais investimento no processo de acompanhamento, de avaliação.

O **terceiro** princípio é o **princípio da concentração ou do enfoque de assunto e tempo para se habilitar**. É um **princípio menor**: o enfoque em uma tarefa de cada vez. Isto é a base do **sistema modular** de ensino. Creio que já é um sistema melhor que o sistema em que o aluno tem que estudar 8, 9, 10, até 12 matérias de uma só vez. O sistema modular já é, a meu ver, um

melhoramento. Para aqueles que nunca experimentaram, eu recomendo. Ao mesmo tempo, faço isto com uma certa reserva, porque o sistema modular é comumente confundido com o conceito do **curso intensivo**. E *não* é a mesma coisa. O conceito modular de ensino é o procedimento de estudar uma disciplina de cada vez. O conceito de curso intensivo é fazer tudo rápido no tempo mínimo possível. O sistema modular facilita a aprendizagem por permitir o enfoque da atenção numa disciplina de cada vez. O sistema intensivo massifica e prejudica não permitindo o tempo necessário para assimilar novas idéias e praticar novas habilitações. É mera conveniência burocrática das escolas.

O **quarto princípio é o princípio de excelência**. Não me refiro necessariamente ao nível acadêmico. Não estamos falando necessariamente em graus que se colam. Não é isso. **Confundimos na nossa sociedade diplomas com excelência**. A excelência, às vezes, é a disposição de repetir todo o seu curso de seminário, quando percebe que outro lugar possa fornecer uma formação melhor. Conheço pessoas que têm feito isto. Isto é um alto padrão mesmo!

Voltando à nossa pergunta, **o que é o treinamento missionário**, eu diria que é, ao mesmo tempo, a **capacitação pelo Espírito**. Nosso alvo é a transformação não só do conhecimento, mas de lealdades familiares, institucionais e sociais. É a transformação que gera habilidades e sensibilidades. Precisamos de um despertar pelo cultivo da espiritualidade. Precisamos entender, mais uma vez, o que é a espiritualidade cristã, a vida íntima com Deus.

4. Por fim, chegamos à **última pergunta: para quem** é o treinamento missionário? O princípio que menciono é o do **sacerdócio dos santos**. Todos estes princípios são os princípios mais básicos e fundamentais da fé, neste caso da Reforma Protestante. Às vezes, nós acusamos as nossas igrejas de não praticar o princípio do sacerdócio dos santos. Eu pergunto se nós, no empreendimento missionário, temos percebido ainda esta doutrina do sacerdócio dos santos. Ao focar o treinamento missionário, não consideramos **todos os tipos de enviados**, mas um tipo específico de enviado, geralmente masculino e pastor, com título de seminário. E os fazedores de tenda? E outras, outros enviados? Estamos preparando? Nós tivemos uma experiência fantástica em **1992**, ao realizar uma **conferência missionária sobre fazedores de tenda**. Vieram para esta conferência pessoas que a gente não imaginava: médicos, enfermeiros, enfermeiras, engenheiros, psicólogos, arquitetos, todo o tipo de gente, e todos muito entusiasmados. Ninguém tinha falado sobre o preparo do fazedor de tendas. É uma fonte, é um recurso tremendo para o trabalho missionário que até hoje não está sendo explorado. Modelo “democrático” de **Jesus** da liderança (Grande Comissão para todos, ministério tríplice para todos)

vs.

O modelo variado de **Paulo** (técnico/profissionalizante) do ministério (dons e ministérios do Espírito)

E o preparo para a **família toda**? A orientação para os **filhos**? A participação dos **parceiros** no

trabalho missionário que estão lá? Recebemos alguns líderes de Angola para estudar e eles comentaram alguma coisa da sua experiência com missionários no seu país. Fantástico! Pode ser uma boa pauta para um futuro evento. Convidar líderes dos outros países - será que a gente quer fazer isso? - de Angola, de Moçambique, para nos falar sobre o preparo missionário. Pode doer demais. Mas, por que não envolvê-los? Estamos meio acanhados com isso, mas está cada vez mais fácil. Com os vários meios de comunicação podemos manter contato com uma certa facilidade com alguns líderes, saber seus palpites, e integrar isto dentro dos nossos padrões.

E os **enviadores**? Existe **algum preparo** para aqueles que estão enviando missionários? Quais são as qualificações para se tornar diretor de uma agência missionária? O que está disponível para eles? Existe alguma coisa, algum preparo? É necessário isso, é conveniente isso? Como vai o cuidado do missionário - sua cobertura médica, educação de filhos, e sua aposentadoria. Dizem alguns enviadores: “Tenha fé. Deus proverá. Somos uma igreja espiritual que ora. Deus proverá.” Não foi isso que Satanás falou para Jesus quando houve a tentação de se lançar do Templo? “Os anjos de Deus vão te socorrer.” Fazemos isso de vez em quando. Mandamos alguns pularem de longe - Deus o proverá!

E os **líderes eclesiais**? Um muito amigo recentemente sugeriu que pensássemos em encontros de uma semana ou duas semanas, para líderes eclesiais, pastores, superintendentes de Escola Dominical, e professores de Escola Dominical. Seriam cursos curtos e breves para a conscientização missionária. Fantástica a sugestão! Há outros meios de conscientizá-los. E finalmente, está surgindo a dica de trabalhar a nível cada vez mais da igreja local.

Finalmente, eu gostaria de lembrá-los do **projeto Brasil 1980**. Quem lembra? Ninguém, não é? Ficou esquecido. O livro com o mesmo título eventualmente foi publicado em meados dos anos 70: *Brasil 1980*. Havia muito entusiasmo por parte de diversas igrejas e organizações missionárias, e houve um levantamento de muitos dados, muitos recursos, para desafiar a Igreja na sua fidelidade evangelística, no preparo missionário. Anos passaram, o projeto foi esquecido. Esta conferência onde estamos hoje será igualmente esquecida ou daqui surgirão medidas que melhorem substancialmente o preparo missionário, e em consequência disto, o desempenho missionário brasileiro?